
COUROUPITA GUIANENSIS AUBL. , CASTANHA-DE-MACACO, UMA ARVORE PARA PAISAGISMO EM GERAL

JOSÉ AGUIAR SOBRINHO
Mestre, Prof. Adjunto, DCA-IF-UFRRJ

R E S U M O

Apresenta característica quanto a árvore, madeira, zona de ocorrência, emprego e reconhecimento dendrológico da família da castanha-de-macaco *Couroupita guianensis* Aubl.- Lecythidaceae.

Palavras chaves: Castanha de macaco, *Couroupita guianensis* Aubl.

A B S T R A C T

COUROUPITA GUIANENSIS AUBL. , MONKEY CHESTNUT

This article presents some tree, wood, occurrence, uses and dendrological characteristic of *Couroupita guianensis* Aubl.- Lecythidaceae.

Key words: *Couroupita guianensis* Aubl., Monkey chestnut.

Família: Lecythidaceae

Nomes Vulgares: castanha-de-macaco, abricó-de-macaco, cuia-de-macaco, macacarecuia, amêndoa-dos-andes (português), bala-de-cañón, coco-de-mono, granadillo, cuirana, moke (espanhol), cannon-ball-tree (G. Inglesa), arbre-à-bombes, boulet-de-canon, abricot-de-singe (francês), boesi, kalabasi, bosch-kalabas, koppe-jewadaballi, boskelebas (alemão e holandês).

Reconhecimento Dendrológico da Família: folhas simples, alternas ou espiraladas, geralmente aglomeradas na ponta dos ramos, sem estípulas, os pixídios comuns nesta família

são o que ajudam a reconhecer a família.

Árvore: Altura de 8-15 m., com tronco de 30-50 cm. de diâmetro (Lorenzi, 1992), a árvore alcança 25 m. de altura (Rizzini & Mors, 1995); chegando a alcançar 20 m. de altura e até 65 cm. de diâmetro (Rodrigues, 1989); árvore cauliflora muito alta com volumoso fuste fusiforme, de esgalhamento distinto e emaranhado (Loureiro & Silva, 1968; Vianna *et al.*, 1988).

Zona de Ocorrência: Originária da Amazônia, onde ocorre no igapó e varzea, e Guiana (Loureiro & Silva, 1968; Rodrigues, 1989; Silva *et al.*, 1986).

Floresta e Ambiente

Madeira: Leve, macia ao corte, cerne e alborno praticamente indistintos, de cor amarelo creme, quase branco, quando verde; grã regular; textura média; cheiro desagradável quando recém cortada, perdendo todo odor quando seca; gosto indistinto. Podendo ser trabalhada com facilidade, recebendo bom acabamento, porém com lustre baixo. De baixa resistência ao ataque de organismos xilófagos.

Emprego: A madeira é utilizada em construção de interiores, marcenaria e caixotaria; podendo ser utilizada no fabrico de brinquedos, embalagens leves, folhas faqueadas para compensados, raquetes, moldes de fundição, artefatos leves, etc. A árvore em florescimento é um dos espetáculos mais belos e curiosos da natureza com o tronco emitindo uma miríade de flores desde o solo até as ramificações superiores. É excelente para o paisagismo em geral. Seu único inconveniente é o grande tamanho e peso dos frutos que podem causar acidentes na queda. Apesar de ser planta amazônica de solos brejosos, desenvolve-se muito bem em terrenos secos do Centro Sul do país.

Outros: Frutos volumosos chegando perto de 20 cm de diâmetro; o fruto é utilizado na mata como cuia (recipiente que substitui a tigela), pelos mateiros, caçadores ou habitantes do interior, para tomarem líquidos. O liber fornece fibras que poderão ser aproveitadas para cordoaria grossa (Rodrigues, 1989).

Couropita é nome indígena das Guianas,

de onde foi descrita, daí *C. guianensis* (Vianna *et al*, 1988).

Floresce na UFRRJ nos meses março-abril e setembro-novembro e frutifica em abril-junho e novembro-dezembro, sendo folhas novas em outubro.

L I T E R A T U R A C I T A D A

BARROSO, G. M. *et al*. Sistemática de angiospermas do Brasil. São Paulo, EDUSP, v. 1, p.166-167, 1978.

LORENZI, H. Árvores brasileiras. Nova Odessa, Plantarum, p.137, 1992.

LOUREIRO, A. A. & SILVA, M. F. da. Catalogo das madeiras da amazônia. Belém, INPA, v.1, p.297-300, 1968.

RIZZINI, C. T. & MORS, W. B. Botânica econômica brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural, p.191, 1995.

RODRIGUES, R. M. A flora da Amazônia. Belém, CEJUP, p.64-65, 1989.

SILVA, M. F., LISBÔA, P. L. B., LISBÔA, R. C. L. Nomes vulgares de plantas amazônicas. Manaus, INPA, p.63,1977.

VIANNA, M. C. *et al*. Arboreto carioca nº4. Edição fac-similada 1988. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p.116-117, 1988.